

TEXTOS CLÁSSICOS BRASILEIROS (DIREITO PÚBLICO E CIÊNCIA POLÍTICA)

O BRASIL SOCIAL POR SILVIO ROMERO

I

*Estado social do povo brasileiro**

É preciso generalizar e concluir.

Que lição poderemos tirar do discurso, dos artigos, dos estudos, do livro do Sr. Dr. Euclides da Cunha, eu digo lição que possa aproveitar ao povo, que já anda cansado, de fases e promessas, desiludido de engodos e miragens, sequioso de justiça, de paz, de sossego, de bem-estar que lhe fogem, esse amado povo brasileiro, paupérrimo no meio das incalculáveis riquezas de sua terra?

É a terceira tentação, a que não posso fugir, e não me furtarei a dizer meia dúzia de palavras.

Já andamos fartos de discussões políticas e literárias. O Brasil social é que deve atrair todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de coração e boa-vontade, todos os que têm um pouco de alma para devotar à pátria.

É onde pulsa a maior intensidade dos problemas nacionais, que exigem solução, sob pena, senão de morte, de retardamento indefinido no aspirar ao progresso, no avançar para o futuro.

Vós, Sr. Euclides da Cunha, em vosso discurso, aludindo, célere, de raspão, aos nossos desvairados e aos nossos desengonçados e tumultuários esforços e planos de reforma, dizeis que sofreremos da vesânia de reformar pelas cimalthas... É a verdade. Mas por quê? Reformar pelas cimalthas e não pela base, pelo alicerce... Por quê? Donde provém esse perpétuo desatino de tantos homens inteligentes?

Em vosso livro, logo nas primeiras páginas, estabeleceis que a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social; estamos condenados à civilização: ou progredimos ou desaparecemos...

Logo, é que não nos julgais no todo civilizados, e, a despeito de tantas aparências enganadoras, corremos perigo... Por quê?

Claro, existe aí um problema a resolver, uma antinomia a explicar.

Noutro lanço de vosso livro, como uma síntese dele, como a lição que brota de vossas meditações, chegastes a este resultado acerca das populações sertanejas do Brasil: "A sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento, ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra..."

* Extrato do discurso recitado na Academia Brasileira, no dia 18 de dezembro de 1906.

Retardatárias hoje, amanhã se extinguirão de todo. Além disto, mal-unidos àqueles patrícios pelo solo, em parte desconhecido deles, de todo nos separa uma coordenada histórica — o tempo.”

Logo, temos aqui a mais singular das situações sociais, alguma coisa de gravemente inquietante que há mister esclarecer para afastar, para corrigir, para conjurar, se possível, como que duas nações que se desconhecem, separadas no espaço e ainda mais no tempo, e uma delas votada ao desaparecimento, no pensar dum dos maiores talentos da nossa atualidade, um dos mais completos conhecedores de nosso povo. . .

Mas essa parte das nossas gentes, destinada, a seu ver, a apagar-se da vida e da história, é a maior parte da nação e é aquela que fundou as nossas riquezas, e é aquela que tem mantido a nossa independência, porque é aquela que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate. . .

Não há nisso uma anomalia, uma raríssima extravagância da evolução histórica? Evidentemente. E por quê? Eis o problema.

Responder a ele cabalmente não é coisa para ser feita nas quatro palavras do final dum discurso acadêmico. Uma vista completa do assunto exigiria, por assim dizer, o desmontar das diversas peças que formaram e vão formando o nosso povo; o serem elas estudadas, uma a uma, na sua constituição íntima e na grande alteração que têm sofrido, pela fusão, neste meio.

Seria indispensável estudar o país, zona por zona, porque existem diferenciações várias a notar aqui e ali, exigidoras de diagnósticos divergentes e terapêuticas especiais. Não é aqui, claro, o lugar de o tentar.

Basta-me consignar que o nosso estremecido povo brasileiro apresenta a sintomatologia geral das nações, a cujo grupo pertence, esse grande número de povos de índole e formação comunária, especialmente os latino-americanos, que têm de suportar a nova concorrência das nações de formação particularista, colocadas atualmente à frente da civilização industrial do nosso tempo: — ingleses, alemães, americanos, canadenses, australianos, flamengos, holandeses, franceses do norte, povos que retêm em suas mãos os capitais movimentadores do mundo moderno.

Mas apresenta essa sintomatologia, ao lado de caracteres que lhe são próprios e o individualizam mais de perto.

Indicar estes últimos, mesmo de relance, é ter uma resposta à pergunta formulada. Apontarei, por brevidade, minhas observações em proposições sinóticas.

A crise universal hodierna entre a velha e a nova educação, entre a cansada, intuição comunária, que procura resolver o problema da existência, apoiando-se na coletividade, na comunhão, no grupo, quer da família, quer da tribo, quer do clã, quer dos poderes públicos, do município da província, do Estado, dos partidos, jogando como arma principal das classes ditas dirigentes a política alimentária, o emprego público, as fáceis profissões liberais, o mero comércio e a intuição particularista, que encara aquele problema, principalmente como coisa a ser solvida pela energia individual, a autonomia criadora da vontade, a força propulsora do caráter, a iniciativa particular no trabalho, as ousadias produtoras do esforço, essa crise universal acha-se no Brasil complicada por causas e circunstâncias especiais de seu desenvolvimento etnológico e histórico.

Entre nós, a raça colonizadora, acostumada geralmente ao comércio e, em várias zonas do sul e das montanhas de sua terra, a vida dum fácil pastoreio, e, no resto do país, à cultura doce, que é quase uma jardinagem, da vinha, dos

frutos arborescentes, como as castanhas, as nozes, os figos, as oliveiras, e, em muito menor escala, do centeio e do trigo, foi obrigada a uma cultura rude e penosa. Recorreu, pela força, ao cativoiro de índios e negros, gentes selvagens, alheias quase de todo ao trabalho agrícola.

Os mestiços das três raças eram, por via de regra, pela maior parte incorporados entre os escravos. Os colonos reinóis, de gradações e categorias várias, se encarregavam do suavíssimo ofício de... mandar...

E como não, se eram os senhores dos outros e os donos da terra?

Mas todo o mundo não podia ser no campo senhor de engenho, fazendeiro de gado ou de café, proprietário de datas auríferas ou diamantinas, o que importa dizer que grande parte, a maior parte da população, o grosso proletariado rural — não-escravo — não possuía um palmo de terra; porque esta foi desde o começo ficando açambarcada em enormes latifúndios pelos concessionários das sesmarias interminas.

O aludido proletário teve fatalmente de acostar-se como agregado à patronagem dos grandes proprietários. É a origem dos 12 milhões de brasileiros que habitam todo o interior do país: matas, sertões, campos gerais, chapadas, chapadões e planaltos, fora das restritas gentes das grandes vilas e cidades da costa ou mesmo do centro. Nestas, os habitantes das vilas e cidades, os mandões, diretamente vindos da Europa ou já nascidos no país, apoderavam-se dos cargos públicos, ou exerciam o comércio, a mercancia, que teve, no correr de séculos, entre nós todos os caracteres duma pirataria em grosso.

O resto da população livre, o maior número dividia-se nos povoados ainda em dois grupos, o dos que mourejavam na prática duns ofícios reles que lhes garantiam uma existência penosíssima, e o dos que resvalavam numa pobreza abjeta, repulsiva. Ainda hoje, por essas terras além, o Brasil é fundamentalmente isto mesmo, sendo apenas a grande novidade moderna e incorporação dos escravos nessa enorme massa de população proletária, quer dos campos, quer das grandes povoações.

Originaram-se dessa anomalia inicial antinomias que ainda hoje nos atropelam e fazem manquejar. A primeira delas é a disparidade entre uma pequena elite de possuidores e proprietários e o avultadíssimo número dos que nada têm, nada possuem, principalmente nas populações rurais.

Segunda extravagância do gênero é a antinomia entre outra elite, a dos intelectuais, eivada de estrangeirices de toda a casta, especialmente na capital e nas grandes cidades, e o imensíssimo número de analfabetos ou incultos que constituem a Nação por toda a parte. Esta última extravagância agrava-se dum peculiar despropósito que, repetido a toda hora nos jornais, nos discursos e nos escritos dos que entre nós dirigem a opinião, tem produzido soma incalculável de males, desviando os governos e todos os que disso podiam curar de cumprir o seu dever para com a maioria da população nacional.

Quero falar da singularíssima teima dos intelectuais de toda a casta de dizerem mal das gentes da roça, sertanejas ou não, sem se lembrarem que, há quatro séculos, elas é que trabalham e produzem, elas é que se batem, isto é, sem se lembrarem que elas é que têm sustentado o Brasil, como povo que vive e como Nação que se defende.

Aos fazendeiros e senhores de engenho tratam como adversários e maus sujeitos.

Magnatas, senhores feudais, déspotas, insaciáveis parasitas — são as gentilezas com que os brindam.

Aos homens do trabalho no campo consideram uma turba amorfa que vai desaparecer, bandos de sertanejos, de jagunços, caipiras, matutos, tabaréus, caboclos, sem a menor valia.

E não lhes ocorre, repito, que essas gentes é que com os ex-escravos, nelas hoje incorporados, criaram, com todas as falhas, a fortuna, a riqueza existente no País.

O fazendeiro exerceu e exerce ainda a natural patronagem, própria do regime agrícola ou pastoril dos países como o nosso; os sertanejos e matutos, os tabaréus e caipiras, gaúchos e roceiros de todas as graduações — são os únicos operários rurais, pastoris ou agrícolas, com que temos contado, não metendo em linha alguns milhares de colonos que só recentemente foram introduzidos e em raras zonas do território vastíssimo.

A força de resistência, em que pese aos fantasistas, da população brasileira está precisamente nessas gentes do interior, nos 12 milhões de sertanejos, matutos, tabaréus, caipiras, jagunços, caboclos, gaúchos...

O problema brasileiro por excelência consiste exatamente em compreender este fato tão simples e tratar de fazer tudo que for possível em prol de tais populações, educando-as, ligando-as ao solo, interessando-as nos destinos desta Pátria.

O maior obstáculo a isto tem sido as literatices dos escritores e políticos que se julgam, eles, esses desfrutadores de empregos públicos, posições e profissões liberais, os genuínos e únicos brasileiros, a alma e o braço do povo. Por isso é que se arvoram em nossos diretores...

Outra singularidade latino-americana, agravada no Brasil, e oriunda das precedentes, é que não conseguimos formar ainda um povo devidamente organizado de alto a baixo.

Faltam-nos a hierarquização social, o encadeamento das classes, a solidariedade geral, a integração consensual, a disciplina consciente de um ideal comum, a homogeneidade íntima.

Falta-nos a radicação à terra pela propriedade espalhada largamente, pelo cultivo, pela produção autônoma da riqueza nacional.

O nosso povo está em regra desenraizado do solo ou nele subsiste como uma vegetação estranha. Faltam-nos o aferro ao trabalho, a base economia, livre, ampla e segura, e, mais, a masculinidade da vontade, o espírito de iniciativa, a audácia do esforço, do empreendimento, da luta pelo progresso e bem-estar.

Notam-se de sobra a indisciplinada, o espírito de clã, a divisão, a desarmonia, a falta de solidariedade, de consciência coletiva popular.

Destarte, se por um lado não temos o operariado rural, organizado, afeito ao trabalho regular e seguido; nem uma classe numerosa, por toda a parte espalhada, de pequenos proprietários agrícolas; nem a dos médios proprietários da mesma espécie, porque as terras são devolutas, de herdeiros, ou estão nas mãos dos grandes latifundiários, hoje geralmente decadentes, não possuímos, por outro lado, o vasto operariado urbano brasileiro, patricio, organizado pelo País em fora; nem a pequena burguesia proprietária, farta e abastada; nem tampouco, a grande burguesia, comparável à das fortes nações particularistas, opulenta, poderosa, progressiva, e, menos ainda, a vasta aristocracia do dinheiro, o grupo dos milionários, dos banqueiros, dos capitalistas nacionais empreendedores. Não possuímos os grandes mineradores, os grandes criadores, os grandes agricultores, os grandes industriais à moderna. Esta geral falta de base econômica estável e independente, que repercute na família e na índole do povo, pela incerteza dos meios e modos de viver, leva-nos a não ter nem, como os povos orientais, a esta-

bilidade patriarcal, duma parte, e nem, doutra, a iniciativa, a coragem e espírito empreendedor particularista.

É também uma antinomia, e das mais sérias de nossas gentes. Este mal provém, como se viu, das origens, da matéria-prima humana empregada no povoamento, na formação da Nação e também da natureza do meio, áspero, em grande parte do País, e ao mesmo tempo enganoso, pelas facilidades outorgadas à vadiagem, com a abundância de produtos espontâneos, aproveitáveis sem labor, duro para a grande e a intensa cultura, doce para a vida imprevidente dos improgressivos.

A estes dois fatores fundamentais juntam-se, neste particular, efeitos que estão desde o começo atuando como causas maléficas: os vícios, acumulados por 400 anos, da escravidão, da política-meio de vida, da empregomania, do horror pela vida afanosa do campo no meneio de indústrias produtoras, da atração para os folgados afazeres dos cargos oficiais, das profissões letradas e da mercancia nas cidades.

Outra grande singularidade da evolução brasileira é o fato originalíssimo, que não tem sido notado e menos apreciado na sua genuína significação, e é explícito pelos fenômenos sociais e políticos já aduzidos.

Refiro-me à negação pelo Brasil dada à lei histórica, observada na milenária evolução do Ocidente, quando se deu a transformação dos escravos e servos em homens livres. Em todo o Ocidente, a maior porção daqueles transmudou-se nessa massa de pequenos proprietários agrícolas, presos ao solo pelos mais sólidos interesses, e que veio a constituir o cerne, o âmago, o nervo das nações modernas; a outra porção transformou-se nesse corpo de operários rurais também ligados à terra e que é também uma das bases firmes das nações fortes e futuras.

No Brasil nada disto.

Tivemos, por duas vezes, a solene abolição em massa.

A primeira vez na última fase do século XVIII, quando foram libertados os escravos índios e mestiços de índios. Fugiram quase todos para os matos e os que ficaram em aldeamentos não se transformaram em proprietários de terras e nem se entregaram à cultura.

Prolongaram uma vida de misérias, servindo ofícios inferiores, até se oblitarem quase inteiramente na massa do proletariado anônimo das vizinhanças.

A outra vez foi ontem, em nossos dias, quando se libertaram os escravos de origem africana e mestiços deles, na penúltima década do século XIX.

A debandada foi ainda mais geral.

O ex-escravo, que não tinha sido preparado pelo colonato, devido à solene incapacidade da famosa elite de bacharéis palmeiros que têm sido sempre Governo nesta terra e têm tido nas mãos os destinos do Brasil, o ex-escravo deu em geral na calaçaria e emigrou para os povoados... Aí vive aos trambolhões nuns empregos reles. Aí, nas cidades, como nesta capital, nenhuma aspiração elevada e nobre lhes despontou na alma.

Aumentaram apenas a nota cômica que nos cerca por todas as faces da existência. Uma das mais características dos dois últimos decênios é o sério com que distintas e grandes damas de cor imitam os trajes, os gestos, os cacoetes das mais finas arianas européias ou fluminenses, ou a doce ternura com que se tratam — de Excelências...

V. Ex.^a para aqui, V. Ex.^a para acolá. É um regalo.

Mas não era disto que havíamos mister.

A politicagem, entretida, no desfrutar das pingues posições, estupidificada pela dupla miragem dos capitais e dos braços estrangeiros, como se estes tivessem sido

criados para estar à nossa disposição e nos serem ofertados de mão beijada, nada viu, de nada curou e nem sabia curar. . . Pois poder-se-ia lá pensar que avesados cultores da advocacia administrativa, insígnies inventores de malabarescas concessões, eles e seus aliados dos governos, dos ministérios, dos parlamentos, do jornalismo, espreitadores de lucros, favores e vantagens, interrompessem seus graves afazeres para pensar no povo, na plebe, nos matutos, nos sertanejos, nos ex-escravos, na lavoura! . . .

Que loucura!

Afeiar o estilo, aleijar a frase, esquecer, por instantes que fosse, os embebecimentos idiomáticos, a colocação dos pronomes, com esses plebeísmos rebarbativos, especialmente agora que tudo deve ser chique, como as avenidas da moda e os palacetes dos arquitetos de fama. . .

Que loucura!

Mas eu insisto; não era disto que havíamos mister. O que precisamos, e teria sido duma vantagem máxima, incalculável, era que não tivéssemos desmentido a lei histórica; era que no século XVIII e mais ainda no século XIX a massa enorme de três milhões de escravos, ou mais, levando em conta as libertações parciais operadas em todo o correr dos dois séculos, tivesse sido transformada num corpo sólido de proprietários e operários agrícolas.

Havia meios de o conseguir se o Governo em nossa terra tivesse sido sempre uma função dos mais capazes e não essa seleção inominada, essa floração inclassificável que tem sido constantemente o espanto das almas dignas.

E eis por que perdeu-se, em duas ocasiões solenes, o ensejo de se irem enchendo os quadros da população livre com a sua natural hierarquização.

Eis por que, e é mais uma das nossas peculiares originalidades, no Brasil são só facilmente realizáveis, sem intervenção estrangeira, os fatos políticos e até sociais, que podem espontaneamente ser transformados em temas literários, em assuntos de escritos e discursos, que deixem larga margem a frases bonitas, a períodos elegantes, a meneios retóricos, eloqüentes.

Iludem a todos com os belos e sonoros palavreados, apontam os díscolos como retardatários, senão inimigos da Pátria. E o povo, o pobre JOÃO-SEM-TERRA, na frase de Proudhon, que é no Brasil amaríssima realidade, tem chegado a perder até a consciência de seus destinos e não sabe mais para onde o levam.

Eis por que, quando aporta em nossas plagas o estrangeiro inteligente, ilustrado, sabedor, como esse Luiz Couty, cujo livro — *O Brasil em 1884* — deveria andar em todas as mãos e estar traduzido e espalhado por todas as escolas, apenas lança os olhos para a nossa população, não essa que flana na rua do Ouvidor, julgando-se digna rival da que percorre o Bois de Boulogne ou Unter den Linden, senão a outra, a que produz os pesados milhões com que se pagam os encargos e os esbanjamentos da lista civil, do funcionalismo público, das loucuras de uma administração tumultuária e imbecil; senão essa que trabalha, porque é ela que suporta os ásperos afazeres dos seringais, da cana-de-açúcar, do café, da mineração, dos criatórios e pastoreios, das charqueadas e de todos os duros misteres da produção nacional, lá fora nos campos e nos recessos do País, ou nas cidades, nas fábricas e nos mais grosseiros ofícios; essa que trabalha e se bate, porque é também ela que na generalidade enche os quadros do exército e da armada, e, quando chega a hora do perigo, deixa, na frase do poeta, a página da vida dobrada e parte para morrer. . . eis por que o estrangeiro, que tem olhos para ver, logo que os lança sobre o nosso tão querido e tão mal dirigido Brasil, é para ter frases como estas verdadeiras, que nos fustigam como flamas: “Tomemos a

questão do alto, estudemos o conjunto da população. O estado funcional das gentes brasileiras pode-se resumir numa palavra: o Brasil não tem povo! Dos seus 12 milhões de habitantes (hoje serão talvez 15), o que não altera o raciocínio, um milhão é de índios inúteis ou quase, um milhão é de escravos (hoje os ex-escravos e seus descendentes andam quase inúteis, esparsos nos povoados e raros nas antigas fazendas e engenhos). Ficam 9 milhões (serão talvez agora 12) mais ou menos. Destes, 500 mil pertencem a famílias proprietárias de escravos; são fazendeiros, advogados, médicos, engenheiros, empregados, administradores, negociantes. Acontece, porém, que o largo espaço compreendido entre a alta classe dirigente e os escravos (agora criados e empregados de toda ordem) por ela utilizados não se acha suficientemente preenchido. Seis milhões (atualmente mais) de habitantes, pelo menos, nascem, vegetam e morrem sem ter quase servido à sua Pátria. No campo serão agregados de fazendas, caipiras, matutos, caboclos; nas cidades, serão capangas, capoeiras, ou simplesmente vadios e ébrios. Capazes todos eles muitas vezes de labores pesados, como os da desbravação das matas e arroteamento das terras, ou da criação de gados, não terão nenhuma idéia da economia nem do trabalho seguido e perseverante. Os mais inteligentes, os mais ativos, dois milhões talvez, serão negociantes, empregados, operários ou criados. Em parte alguma, porém, se encontrarão, nem as massas fortemente organizadas dos livres produtores agrícolas ou industriais, que, nos povos civilizados, são a base da ordem e da riqueza, nem tampouco as massas de eleitores conscientes, sabendo votar e pensar, capazes de imporem aos governos uma direção definida.”

É forçoso acrescentar que, com todos esses defeitos e lacunas, trabalham muito mais do que a faustosa elite dirigente, cujos esforços negativos têm sido quase sempre em pura perda do País.

São os agentes da política alimentária, cujas vantagens práticas para a Nação são puramente ilusórias. E ainda não está terminada a lista das nossas antinomias latino-americanas e nomeadamente nacionais. Uma delas, e das mais graves, é que não tivemos nunca, durante quatro séculos, senão revoluções e movimentos políticos, que longe de facilitarem a constituição social do povo, embaraçaram-na ao invés consideravelmente.

O começo de falha revolução social, que se devia iniciar com a emancipação dos escravos, foi logo entravado e desviado de seu curso pela revolução política da proclamação da República. O movimento social que devia prosseguir no intuito de criar um povo de pequenos proprietários agrícolas e de trabalhadores livres, todos ligados à terra, já com elementos alienígenas, já com elementos nacionais, remodelando a propriedade territorial, parou de súbito e tudo atordou-se com inesperada e intensa reviravolta política, que atraiu todas as atenções. Veio à tona, um momento ao menos, o militarismo cercado de abusos. Surgiu de todos os lados o espírito de revolta e desordem.

Reapareceu a velha tendência oligárquica mais ou menos apagada pela ação do império e retomou posição em todos os estados.

Desencadeou-se febrilmente o ânimo de ganância e fortuna fácil ou a loucura do encilhamento; parou a colonização; surgiram as crises do trabalho e da produção.

Encilhamentos, revoltas, das quais a de Canudos tão vigorosamente descrita pelo nosso consócio foi apenas um rápido episódio, trouxeram a bancarrota, a moratória, o *funding-loan*, a desordem econômica geral.

E como era preciso que nos iludíssemos, fascinando-nos com vistosas miragens, decretam-se avenidas e *boulevards*, multiplicando os empréstimos, avolumando as dívidas a um ponto inacreditável e gravemente perigoso.

O capital estrangeiro, sempre sôfrego por empregar-se, canalizou-se para cá, mas com a segurança de garantias definidas na hipoteca das rendas aduaneiras e, em vários pontos, com agentes seus nas repartições fiscais. . .

A escravidão foi abolida e com ela a realza: mas, com as nossas loucuras políticas todas feitas pelas admiráveis classes dirigentes, não curamos de educar as populações no trabalho remunerador e autônomo, não cuidamos de preparar o operariado livre nacional nem da colonização habilmente encaminhada nem da exploração da terra pela indústria magna — a cultura. Chegamos destarte à suprema degradação de retrogradar, dando de novo um sentido histórico às oligarquias locais e outorgando-lhes nova função política e social, que estão a exercer nos estados com o mais afoito desembaraço; e essa nova função vem a ser a consciência geralmente espalhada da impossibilidade de deitar por terra uma oligarquia sem que se levante outra, porque — ou oligarquia ou anarquia! . . .

E mais, digo-o com dor, chegamos ao ponto de não poder botar abaixo qualquer um desses governichos criminosos e asfixiadores senão pela traição ou pelo assassinato!

Com estas nefastas preocupações políticas, cujo principal móvel é fazer uma parte da população trabalhar para sustentar a outra, não admira que seja detestável o estado social da Nação e peculiarmente instável, embaraçosa sua posição econômica. Não admira que se levantem constantemente clamores de todos os lados. Inteligente, a seu modo, a afanosa elite sonha reformas aptas a calarem os brados das populações e mais aptas ainda a conservá-la na direção dos negócios.

É então que surge o negativo esforço de reformar pelas cimalthas, na vossa frase, Sr. Euclides da Cunha.

No principal, o estado social do povo que deve ser remodelado por uma educação adequada à vida moderna e pelo aproveitamento hábil da colonização estrangeira e nacional, não se cogita.

Nas suas reformas começam pelo fim. Julgam que com o alargamento de ruas podem resolver os tremendamente inquietadores problemas brasileiros. A Nação chegou ao século XX, o século em que se vai resolver o seu destino inteiramente desaperecebida para a luta.

A crise de nossa transformação para o moderno viver, tivemos a infelicidade que viesse a coincidir com o surto assombroso de força e riqueza dos grandes povos progressivos de formação particularista.

Assaz temos já sentido a garra do leão em nossas carnes. As forças vivas da economia do povo estão passando ou já estão quase todas nas mãos deles: o grande comércio bancário, o farto jogo dos câmbios, o alto comércio importador e exportador, as melhores empresas de mineração, de viação, de transportes, de navegação, de obras de toda a casta, acham-se nesse número.

Classes inteiras da antiga mercancia nacional desapareceram na miséria ou debatem-se nos paroxismos de um morrer inglório, como essa dos comissários de café. A curiosa rubiácea, incrível fato! . . . dá hoje para enriquecer com milhões as casas importadoras do Havre, Hamburgo, Londres, Nova Iorque e as filiais exportadoras que aqui montaram além dos grandes torradores estrangeiros, e só não chega para enriquecer quem a produz: o fazendeiro nacional, reduzido à miséria com a agravação dos impostos, e o operário assalariado que vence mínimas pagas por seu trabalho.

Só falta que os milionários alienígenas, blindados pelos trustes, se apoderem diretamente das fontes da produção, das fazendas.

Caminhamos para lá, porque esta evolução já está iniciada. Destarte, claro, não é de reformar pelas cimalthas que havemos mister. Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palácios de Monroe, quando a maior parte da gente mora em estalagens e cortiços e as casas de pensão proliferam; de ter avenidas à beira-mar e teatros monumentais, que vão ficar fechados, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miséria é geral e quase todas as cidades e todas as vilas do Brasil são verdadeiras taperas; de ter cá a reunião do Congresso Pan-Americano para dar-lhe, como ilustração, as trucidações de Mato Grosso e o assassinato de deputados e senadores em pleno dia, nos desregramentos duma política feroz! Não estamos no caso de contrair empréstimos loucamente avultados e ruinosos para os aplicar em obras suntuárias, quando os serviços mais simples estão por organizar por todo o País; quando temos enorme déficit, não falo do orçamentário, o déficit da União, dos estados, das municipalidades, falo do déficit do povo, aquele que os economistas chamam déficit de subsistências, porque, possuindo o País talvez mais fértil do mundo, precisamos comprar fora a maior parte das coisas indispensáveis à vida. . . É dizer tudo! . . .

Os governos, os chefes políticos, os diretores dos partidos, os grandes, os poderosos, todos os que formam essa classe dirigente, que nada dirige, não têm querido cumprir o seu mais elementar dever para com as populações nacionais, inquietando de seus mais inquietantes males, de suas mais urgentes necessidades.

A literatura não o tem também cumprido, estudando-as, dizendo-lhes a verdade, educando-as, estimulando-as, corrigindo-as. . . Entretanto, é urgentíssimo que nos aparelhemos.

A situação é esta:

O grande proprietário e produtor de toda a ordem das roças perdeu o escravo, nervo do trabalho, e, não sendo possível reduzir o colono estrangeiro, nos pontos onde ele existe, à condição do antigo trabalhador, não tem tido a plasticidade exigida para a transformação imposta pelo novo estado social.

E como não tem capacidade por si para o trabalho, nem a encontra ampla na população rural ambiente, nem lhe ocorre dividir os enormes latifúndios e tentar a criação da pequena exploração agrícola, deblatera-se e decai.

Perdeu o Brasil o quase-monopólio do açúcar, do ouro, dos brilhantes, está muito abalado no do café, e, pelo sistema seguido no Amazonas, não admira que venha a ficar abalado também no da borracha, e que fará ele?

Isto nos seus eminentes e rulminantes ramos econômicos, nas suas mais pingues fontes de riqueza.

O grosso da população é paupérrimo e desarticulado.

Nos campos, nas roças, nos sertões, no interior, produz, mas produz pouco e sem sistema; nas vilas e cidades, quase nada produz em pequenos e mal-organizados ofícios e, um pouco mais, nas modernas fábricas instaladas em vários pontos, onde o operariado geme, porém, nas garras dum capitalismo que se poderia chamar quebrado porque nós não temos grandes fortunas, fartas somas acumuladas.

Releva, porém, ponderar que esse operariado nacional, de tempos a esta parte, anda fortemente transviado por maléficis elementos estrangeiros e de vez em quando põe em cerco o quebrado capitalismo da terra.

É mais uma singular anomalia brasileira a dupla corrente contraditória de imigrantes, que hodiernamente demandam com mais frequência as nossas plagas: frades e anarquistas.

Já nos têm feito passar amargos momentos e ainda piores farão passar em futuro próximo, se não tomarmos as precisas precauções.

Dos dois curiosos bandos, de frades e anarquistas, expulsos de toda a parte e aceitos de braços abertos pelos nossos imprevidentíssimos governos, resultam duas extravagâncias que campeiam aí a olhos vistos: o aumento do fanatismo e da superstição, sob todas as formas, de um lado, e é a obra dos frades, e andarmos quase diariamente a ter as GREVES, antes de termos as indústrias, por outro lado, e é a obra dos anarquistas.

Um funcionalismo incontável vai-se encarregando de encher o váculo. É o caso de concluir convosco, Sr. Dr. Euclides da Cunha: ou nos transformamos pela base ou sucumbiremos:

Vós vos referistes aos esquecidos e desavisados sertanejos de entre o Itapicuru da Bahia e o Parnaíba do Piauí.

Não vejo motivo para esta seleção da morte, essa escolha dos que vão desaparecer! Desapareceremos todos, porque sofremos fundamentalmente dos mesmos vícios e defeitos.

Mas há alguma coisa a tentar para resistir.

Olhemos para o Japão: transformemo-nos, como ele.

Nesta ordem de assuntos, dizia-me, não há muito, um inteligente viajante estrangeiro: vós brasileiros entrastes agora numa grande febre de melhoramentos nesta cidade e creio que noutras pelo País em fora. — Sim, é fato.

Mas, obtemperou ele, tendes tido idéia de iniciar a colonização e povoamento das admiráveis terras do Rio Branco, reserva providente, que será a única base que tereis para manter a posse do vale amazônico? Não.

Tendes tido o cuidado de sistematizar os trabalhos dos seringais, vedando o estrago das plantas, e, principalmente, tendes procurado prender ali, em pontos vários, a população ao solo pela agricultura e indústrias estáveis? Não.

Tendes providenciado para que renasça nas vossas extensíssimas zonas pastoris do norte até as fronteiras do Rio Grande, a grande indústria da criação em todas as suas múltiplas variedades? Não.

Tendes, com o sistema das barragens romanas, corrigido as condições do solo de vosso País na famosa região das secas? Não.

Haveis cogitado do renascimento da indústria do açúcar, fonte outrora de vossa riqueza e que, por cuidados especiais, pode levar de vencida a beterraba, atenta à superioridade incalculável da cana? Não.

E o da magnífica indústria da mineração noutro tempo tão florescente? Não.

E haveis, sem dúvida, já vos preocupado com o florescimento das culturas do algodão brasileiro, que não tem superior no mundo, e peculiarmente com a do tabaco, que rivaliza com o de Cuba? Não.

Com certeza, porém, tendes atendido, com peculiar carinho, à produção dos cereais nas regiões aptas do norte e sul, para que não andeis a comprar fora os meios de subsistência? Não.

Sem a menor dúvida, andais preocupado com os meios práticos do povoamento da terra, aproveitando o que se pode chamar a colonização nacional, atraindo para o trabalho rural as populações deserdadas, esses esforçados cearenses, por exemplo, fazendo-lhes concessões, dando-lhes terras, meios de trabalho? Não.

Haveis, em compensação, envidado hercúleos esforços para a difusão dos colonos estrangeiros para todas as boas zonas brasileiras, no intuito de irdes reforçando as gentes existentes? Não.

E, nomeadamente, estais preparando a assimilação dos núcleos germânicos que subsistem em terras vossas? Não.

Mas não vos deve ter escapado a necessidade urgentíssima de articular o País com vias férreas de Norte a Sul e de Leste a Oeste, vias férreas que levam sempre consigo o povoamento da terra, não falando já nas estradas vicinais? Não.

Afinal, porém, haveis acabado com os velhos abusos, com a famosa moleza meridional, estais, por uma educação rija, segura, forte, enérgica, adequada, transformando o caráter nacional e preparando-o pela disposição de coragem, espírito de progresso, de atividade, de iniciativa, de ardor pelo trabalho produtivo, para dispensar os hábitos comunários, a tutela do Estado e outros achaques latinos que têm sido a praga de nossas gentes? Não.

Então, meu caro senhor, não tendes feito nada! . . .

Tendes sido apenas o juguete do capital estrangeiro, ávido por emprego a bom juro, e de certas corporações ou indivíduos postos por ele a seu serviço e que precisavam de apanhar grossas somas numa espécie de novo encilhamento.

Não consta em todo correr da história de mais de 10 mil anos, que alargamentos de ruas e aberturas de avenidas numa cidade qualquer, mero luxo a que as nações se entregam quando, cansadas da riqueza, entram a caducar, tivessem sido meio de solver os fundos males sociais, as gravíssimas inquietações de um povo! Despediu-se e deixou-me triste.

Tinha-se desmoronado a meus olhos o prestígio da avenida à beira-mar, por onde eu já andava a ver desfilar todo o Brasil glorioso e próspero, dando leis ao mundo. . . E mais ainda, essa fantástica raridade do Canal do Mangue, que devia ofuscar todas as Venezas existentes e por existir. . .¹

E, todavia, o programa esboçado a correr em meia dúzia de palavras por meu interlocutor estrangeiro é o que temos a fazer, especialmente na sua última parte.

Senão, cairemos na vossa alternativa, Sr. Dr. Euclides da Cunha. O Brasil progredirá, é certo, porque ele tem de ser arrastado pela enorme reserva de força, poder e riqueza que está nas mãos das três ou quatro grandes nações que se acham à frente do imperialismo moderno. Progredirá quase exclusivamente com os braços, os capitais, os esforços, as idéias, as iniciativas, as audácias, as criações dos estrangeiros, já que não queremos ou não podemos entrar diretamente na faina, ocupando o primeiro lugar, como colaboradores.

Progredirá, certo; porque, afeiçoado o País pouco a pouco a seu jeito, eles, de posse das grandes forças produtoras, de todas as fontes de riquezas, virão chegando oportunamente e tomando posição seleta entre os habitantes da terra, e, se não estivermos aparelhados, apercebidos, couraçados por todos os recursos

¹ Em relação aos tão gabados melhoramentos do Rio de Janeiro, à famosa obra do tumultuário e despótico Dr. Passos, meu interlocutor usou destas frases que eu não quis reproduzir no texto do discurso: "Mesmo pelo que toca a esta cidade, ousou perguntar-vos: pensou-se em expungir-la dos terríveis cortiços e estalagens que a enchem e afeiam pestilencialmente quase por todos os lados? Não. Pensou-se em tirar de seu centro tantas cocheiras e estábulos, e de seus arrabaldes tantos capinzais que a deturpam e corrompe-lhe o ar? Não. Cuidou-se de retificar e canalizar os lóbregos e nojentos riachos que a danificam, do Rio Comprido, da Joana, do Trapicheiro, da Banana Podre, Maracanã, e outros que a inundam na época das chuvas? Não. Elevaram o solo de zonas inteiras urbanas no intuito de impedir essas desastrosas inundações? Não. Tratou-se de melhorar o sistema dos esgotos, o abastecimento d'água, a não ser no papel? Não. Então, mesmo por esse lado, quase nada tendes feito, a não ser obra para inglês ver, segundo vossa característica expressão."

E é a verdade, em que pese aos basbaques de encomenda, que fazem ofício de elogiar a todo transe, à troca de dinheiro ou de emprego. . .

da energia do caráter para a concorrência, iremos, nós, os latino-americanos, insensivelmente e fatalmente, para o segundo plano. . .

Assistiremos, como Iloitas, o banquetear dos poderosos: ficaremos, os da elite de hoje, na mesma posição a que temos condenado, mais ou menos em geral, os africanos e índios e seus descendentes mais próximos, que trabalharam para nós. . .

Triste vingança da história!

E sabe Deus a mágoa com que o digo. . .

Portanto, *excelsior, excelsior*. . . *Sursum corda!*

Trabalhem, eduquem-nos, reformemo-nos para viver. . .

(Dezembro de 1906).

II

*As zonas sociais e a situação do povo**

Pode-se dizer que o Brasil contém as seguintes zonas geográficas, perfeitamente caracterizadas, que são sedes de outras tantas zonas sociais, atendendo-se à natureza do trabalho a que dão origem:

1.^a O planalto da Guiana no alto norte dos estados do Amazonas e do Pará, especialmente na região em que corre o rio Branco. É zona de criação de gados, indústria, porém, incipiente, quase toda por conta do Governo federal, tudo desorganizado e mal-dirigido.

2.^a As terras mais baixas, que imediatamente se seguem e vão a entestar com a margem norte do rio Amazonas. É região de matas e da *cueillette* de produtos espontâneos da natureza: borracha, castanha, salsaparrilha, copaíba, cravo, piçava, urucu etc. A família aí nas classes populares é assaz desorganizada, havendo quase inteira promiscuidade em mais de um sítio.

Existe uma pequena lavoura rudimentar, em alguns pontos, de cacau, mandioca, cana-de-açúcar e tabaco. Os dois primeiros daqueles produtos são quase de simples *cueillette*.

3.^a As terras marginais do norte e sul do grande rio, compreendendo também a parte inferior do curso de seus afluentes.

É o vale do Amazonas no seu sentido mais estrito. É região de pesca fluvial. Os que se ocupam nela estão no grau mais inferior das gentes que vivem dessa espécie de indústria.

4.^a A zona das matas da região ocidental onde se acham os cursos dos rios Madeira, Purus, Acre, Juruá, constituindo o núcleo principal do território do Acre, que com toda razão aspira organizar-se em estado.

É também região da borracha e indústrias extrativas congêneres.

5.^a O planalto central-norte, compreendido entre o Madeira, o Tocantins e o divisor das águas do sistema fluvial sul-americano. É zona ainda quase completamente inaproveitada.

Contém bons campos para a criação de gado.

* Trecho de uma carta a M. Ed. Demolins, em maio de 1906.

6.^a O planalto do interior desde o divisor das águas até a região serrana do Rio Grande do Sul.

Contém diversas variedades de terras e de culturas, como sejam: campos de criar, terras de mineração, terras de lavoura de café, tabaco, etc.

Deve esta imensa região ser dividida pelo menos em quatro zonas diferentes: a dos campos de criar do norte de Minas, Goiás e terras altas de Mato Grosso; a de mineração, um pouco espalhada por esses três estados; a do café, principalmente no sul de Minas, São Paulo, terras altas do Rio de Janeiro; a de criação de gado em Paraná e Santa Catarina.

Por toda essa imensa região o tipo da família é instável, por causa da transmissão parcelada das heranças, o que equivale dizer por causa de imposições retrógradas da legislação.

7.^a A região dos vales dos rios Paraguai e Guaporé, compreendendo as terras baixas e médias de Mato Grosso. Predominam aí a *cueillette* da erva-mate, alguma mineração e criação de gado em campos intercalados nas terras médias.

8.^a Região entre os rios Gurupi e o Parnaíba, compreendendo o estado do Maranhão e terras próximas. Arroz nos terrenos mais baixos, cana-de-açúcar na região das matas e alguma criação de gado, nos sertões de oeste.

9.^a Os sertões do norte, denominados os Cariris na sua região central, limitados pelo citado Parnaíba ao norte e o Itapicuru, ou melhor, o Paraguaçu no estado da Bahia. É uma faixa de terreno que fica ao leste do Brasil, entre os dois rios citados que lhes formam os limites de norte e sul, a região das matas que se prolongam através da costa marítima pelo lado oriental e o alto planalto do interior pelo lado ocidental. É a clássica zona das secas que a flagelam periodicamente.

Criação de gado sujeita porém a grandes perdas nos períodos de secas; cereais nas regiões mais frescas à beira de serras, etc. São as indústrias e o regime do trabalho.

10.^a As terras da costa marítima, compreendendo a citada faixa de matas, desde o Maranhão até o Espírito Santo. É a famosa região dos engenhos de açúcar.

As melhores famílias constituíram a patronagem natural das populações; mas a sua riqueza, que repousava no braço escravo, está quase de todo aniquilada, por causa da extinção da escravidão e da concorrência da beterraba nos mercados mundiais.

Aí nesta zona em sítios adequados se cultiva também a mandioca, o tabaco e cereais.

11.^a A região da costa do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. É faixa estreita, por causa da aproximação da Serra do Mar.

Arroz, mandioca, cereais em pontos vários.

12.^a As terras que formam a descida do planalto para o lado do rio Paraná onde se acha o célebre território das Missões. É zona de mata inaproveitada em grande parte, mas se faz ali alguma extração da erva-mate em vários sítios.

13.^a Os campos, pampas e coxilhas do Rio Grande do Sul; é a zona extrema do Brasil.

A criação de gado por um sistema que lembra em parte a das estepes pobres da Ásia e África, produz ali um tipo social, que tem afinidades com os daquelas zonas.

Recapitulando, posso dizer que existem as seguintes zonas sociais mais notáveis no Brasil: região do gado no alto-norte; região da borracha no vale do Amazonas; região da pesca fluvial nesse grande rio e seus afluentes; região do gado nos sertões secos do norte; região do gado nos campos e tabuleiros de Minas, Goiás e Mato Grosso; região do açúcar na chamada zona da mata, desde o Maranhão até o norte do Estado do Rio de Janeiro (faixas intermédias desta região existem próprias para o algodão, o fumo, a banana); região da mineração em Minas, Goiás e Mato Grosso; região do mate nas matas do Paraná e Santa Catarina e parte de Mato Grosso; região do gado no planalto destes dois últimos estados; região dos cereais na zona serrana de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; região do gado nos campos deste último estado.

Pela simples inspeção deste quadro, bem vedes, caro mestre, que no Brasil o trabalho, como base social é cheio de grandes lacunas. Predominam os produtos de mera *cueillette*, já de plantas puramente extrativas, já de frutos arborescentes, etc. A própria cultura do café é algum tanto análoga à da castanha e das nozes na Europa; pois que, uma vez plantada, a árvore vive de 25 a 30 anos dando bons resultados, quase sem esforço da parte do homem.

A cultura mais difícil da cana-de-açúcar repousou durante mui perto de quatro séculos no braço escravo. Os engenhos eram grosseiras explorações de caráter comercial, como as fazendas que ainda hoje os portugueses mantêm na África. Logo que cessou o braço escravo, a produção do açúcar se alterou consideravelmente com as despesas acrescidas, etc.

Quando o açúcar da beterraba começava a inundar os mercados do mundo, a cultura da cana no Brasil entrou em crise franca.

Os trabalhos da mineração prosperaram algum tanto no regime colonial com o braço escravo e quando os minérios estavam à flor da terra.

Logo que foram precisas obras de arte, dificultosas e caras, a mineração cessou quase por completo, existindo apenas hoje algumas companhias inglesas, com capitais desta origem.

É esta a base econômica que justifica as conclusões a que cheguei a respeito do estado atual do povo brasileiro, conclusões que passo a deduzir.

O povo brasileiro, considerado em seu conjunto, oferece o espetáculo *d'une société à formation communautaire ébranlée*. A velha família portuguesa, que de *patriarcale-absolutiste* já se tinha transformado em verdadeira família *patriarcale désorganisée*, em conseqüência da quase geral transmissão parcelada das heranças e domínios, ainda mais se tem desorganizado no Brasil, chegando ao ponto de verdadeira família instável, sob o influxo, cada vez mais rigoroso, do aludido sistema de transmissão hereditária parcelada e da desorganização crescente do trabalho com a extinção da escravidão e inexistência de colonização geral sistematizada, nacional e estrangeira.

O trabalho, desde os começos do povoamento no século XVI, teve, como sabeis, a base falsa da escravidão, pretendendo o português forçar dois povos que desconheciam por completo a cultura (índios e negros) a serem agricultores, quando ele português não o era também em rigor, por não ter passado verdadeiramente da *cueillette* de frutos arborescentes, hortaliças, alguns cereais e da leve cultura da vinha. A verdade é que nem o colono português nem os seus escravos, índios e negros, estavam preparados para os duros trabalhos da cultura americana. A emancipação rápida perturbou ainda mais tudo isto.

Com semelhante base de família e de trabalho, o regime comunário abalado ou de estado domina de alto a baixo em toda a Nação, de Norte a Sul, de Leste

a Oeste. A família aqui se poderia chamar patriarcal desorganizada nos tempos coloniais.

Hoje tem os caracteres da família completamente instável.

Perdeu todas as vantagens do regime patriarcal, ao contato do negro e do índio, que não tinham família, e mais com o sistema da escravidão como base do trabalho, e mais com o modo parcelado da transmissão hereditária e mais, finalmente, com a queda súbita da falsa base do aludido trabalho escravo.

Perdeu todas as vantagens do regime patriarcal, repito, sem ter até agora obtido as do regime de formação particularista, a que não chegará senão ou por uma assimilação hábil de elementos providos das raças particularistas, ou por um sistema de educação severíssima de alto a baixo, como esse que preconizais em *La nouvelle éducation*. Nós os brasileiros sofremos em larga escala de todos os achaques dos povos comunários de estado que vós tendes descrito tão acuradamente em vossas obras.

Nós os brasileiros do extremo Norte ao extremo Sul, desde as fronteiras das Guianas e de Venezuela e Colômbia até os limites com o Estado Oriental do Uruguai, formamos, em rigor, uma coleção de verdadeiros elãs de espécies várias, nas quais o indivíduo não possui a mais leve sombra de iniciativa e espírito organicamente empreendedor.

As tendências comunárias dos povos que nos formaram, agravaram-se consideravelmente na estrutura na nova sociedade.

Pode-se até dizer que algumas boas qualidades de que eram portadores os colonos europeus se dissolveram ao contato de índios e negros e do novo meio tropical, que obraram como uma espécie de reagente químico de índole destruidora.

As gentes brasileiras por toda a vastidão do interior do País, e até nas próprias cidades nas camadas populares, vivem de ordinário todas em torno de um chefe, de um patrão, de um protetor, de um guia; todos têm o seu homem.

Os fazendeiros, quer nas fazendas de café, quer nas de criação de gados, os senhores de engenho, os chefes de partido, as influências locais, os negociantes abastados das vilas e cidades, em vários pontos os vigários das freguesias, os juizes de direito, os advogados de renome, os médicos espertos, todos, todos esses e muito mais são como chefes de grupos, de clãs, em torno dos quais vivem as populações por esse Brasil em fora.

A política nos estados gira em torno de um chefe, um oligarca; na União em torno de um mandão geral, o guia e senhor do bloco. . . Neste fato se prendem muitos fenômenos sociais, como o de famílias inteiras que nos centros se bateram sempre até ao extermínio, e o aparecimento repetido de bandidos, chefes de grupos nômades, que devastam o interior do País.

Os trabalhos da cultura agrícola, da criação, da mineração, das indústrias da navegação são muito pouco desenvolvidos.

A maior parte da população brasileira moureja desequilibrada e consumida por um acentuado pauperismo.

Um terço, senão menos, trabalha mal para alimentar os outros dois terços.

O recurso geral é a política, sob todos os aspectos grosseiros de que se costuma revestir a verdadeira *politique alimentaire*, tão cruamente descrita pela escola social de Le Play e seus eminentes discípulos. Os partidos, as associações ou agrupamentos quaisquer nas freguesias, nos municípios, nas comarcas, nas províncias, hoje, estados, na União, todas as instituições, todos os cargos públicos, em número incalculável, não têm outro destino, não têm outra função: seu fim

é fornecer meios de vida a uma clientela infinita. O estado não tem por fim próprio a manutenção da ordem, a garantia da justiça, ou, se quiserem, a ajuda de certos empreendimentos elevados; seu papel preponderante, e quase exclusivo, é alimentar a maior parte da população à custa dos poucos que trabalham e isso por todos os meios, como sejam as malhas dum funcionalismo inumerável.

Quando não são os empregos diretos nas repartições públicas, muitos deles inúteis, são as comissões para os influentes, as pensões, as gratificações sob títulos vários, as obras públicas de toda a casta e milhares de outras propinas.

Nestas condições, não é de estranhar que a política preocupe muito os brasileiros, mas é a política que consiste em fazer eleições para ver quem vai acima e ficará em condições de fazer favores.

O grau de corrupção e abastardamento a que chegaram os costumes eleitorais não é suscetível de descrição por pena de homem.

O geral do povo detesta a vida do campo, e, mesmo no interior, acumula-se nas povoações: — cidades, vilas, aldeias, arraiais, etc. É à cata do chefe para o arrimo, à cata do emprego público, do arranjo político sob qualquer forma.

A propensão que têm os moços para se graduarem, para receberem títulos acadêmicos é notória. É para seguirem a vida das cidades nas profissões liberais, no jornalismo, na literatura, nos empregos da administração.

Nas classes inferiores os que não conseguem arranjo nos empregos compatíveis com sua falta de cultura, ou nas obras públicas, têm um derivativo nas fileiras do exército que se recruta pelo voluntariado, ou nos corpos policiais e milícias urbanas que são numerosos na capital e nos estados.

É esse o retrato social dos brasileiros de hoje em traços rápidos.

A comprovação completa resultará do estudo miúdo de todas as regiões do País.

Os Porquês nas Relações Sociais



Com esta obra, o Prof. Dela Coleta, Doutor em Psicologia e psicólogo do ISOP — Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, da FGV, fornece um acervo organizado de conhecimentos sobre o processo de atribuição de causalidade, tema palpitante da Psicologia Social atual, de grande interesse para estudiosos no assunto, sobretudo psicólogos de diversas áreas e estudantes de pós-graduação em psicologia.

Compreende 10 abordagens teóricas da atribuição de causalidade. Um livro para facilitar e incrementar os estudos e pesquisas nesta área no meio brasileiro.

Atribuição de Causalidade, teoria e pesquisa

José Augusto Dela Coleta

154 p.

Nas Livrarias da FGV

ou pelo Reembolso Postal